ReGeo ISSN: 2177-3246

O ENEAGRAMA DA PERSONALIDADE NA PSICOLOGIA CLÍNICA: FUNDAMENTOS HISTÓRICOS, VALIDAÇÃO NEUROCIENTÍFICA E INTEGRAÇÃO TERAPÊUTICA

THE ENNEAGRAM OF PERSONALITY IN CLINICAL PSYCHOLOGY: HISTORICAL FOUNDATIONS, NEUROSCIENTIFIC VALIDATION, AND THERAPEUTIC INTEGRATION

EL ENEAGRAMA DE LA PERSONALIDAD EN LA PSICOLOGÍA CLÍNICA: FUNDAMENTOS HISTÓRICOS, VALIDACIÓN NEUROCIENTÍFICA E INTEGRACIÓN TERAPÉUTICA

https://doi.org/10.56238/revgeov17n7-019

Data de submissão: 18/05/2026 **Data de publicação:** 02/07/2026

José Dalvo Maia Neto
Doutorando em Nutrição em Cirurgia Plástica
Orcid: 0000-0002-7245-0065

Viviana de Carvalho Valente

Paulo Estenio Calaço Fernandez
Especialista em Psiquiatria

RESUMO

O Eneagrama da Personalidade constitui um sistema tipológico que descreve nove padrões de funcionamento psicológico, cada qual caracterizado por motivações centrais, mecanismos de defesa e estilos cognitivo-afetivos específicos. Originário de tradições sapienciais e sistematizado para uso clínico por Oscar Ichazo e Claudio Naranjo na segunda metade do século XX, o modelo tem sido objeto de interesse crescente na psicologia e na psiquiatria contemporâneas, embora sua base empírica permaneça em fase de consolidação. O presente artigo realiza uma revisão narrativa integrativa da literatura sobre o Eneagrama, abrangendo seus fundamentos históricos, propriedades psicométricas dos principais instrumentos de avaliação, evidências neurocientíficas, aplicações clínicas e limitações metodológicas. A análise revela que instrumentos como o RHETI e o iEQ9 apresentam níveis aceitáveis de confiabilidade, porém a validade de construto — particularmente a replicação da estrutura de nove fatores — permanece inconsistente. No plano neurocientífico, a evidência direta que vincule os eneatipos a biomarcadores neurais específicos é ainda escassa e preliminar, embora achados da neurociência da personalidade ofereçam plausibilidade teórica a algumas hipóteses do modelo. No contexto clínico, a integração do Eneagrama com abordagens estabelecidas, como a Terapia Cognitivo-Comportamental, tem sido descrita como promissora para a identificação de crenças nucleares e o fortalecimento da aliança terapêutica, ainda que faltem ensaios clínicos randomizados que demonstrem superioridade em desfechos terapêuticos. Aplicações em educação médica e formação de equipes mostram resultados preliminares encorajadores. A revisão conclui que o Eneagrama pode oferecer valor heurístico como ferramenta complementar na prática clínica, desde que utilizado com rigor metodológico, formação adequada e consciência crítica de suas limitações. A consolidação de seu estatuto científico dependerá de estudos longitudinais, ensaios clínicos controlados, validação transcultural e investigações neurocientíficas com desenhos experimentais rigorosos.

Palavras-chave: Eneagrama. Personalidade. Psicologia Clínica. Neurociência. Terapia Cognitivo-comportamental. Psicometria. Revisão Narrativa.

ABSTRACT
The Enneagram of Personality is a typological system describing nine patterns of psychological functioning, each characterized by core motivations, defense mechanisms, and specific cognitive-affective styles. Originating from wisdom traditions and systematized for clinical use by Oscar Ichazo and Claudio Naranjo in the second half of the twentieth century, the model has attracted growing interest in contemporary psychology and psychiatry, although its empirical foundation remains under development. This article presents an integrative narrative review of the literature on the Enneagram, encompassing its historical foundations, psychometric properties of major assessment instruments, neuroscientific evidence, clinical applications, and methodological limitations. The analysis reveals that instruments such as the RHETI and the iEQ9 demonstrate acceptable levels of reliability; however, construct validity — particularly replication of a nine-factor structure — remains inconsistent. At the neuroscientific level, direct evidence linking enneatypes to specific neural biomarkers is still scarce and preliminary, although findings from personality neuroscience lend theoretical plausibility to some of the model's hypotheses. In the clinical context, integration of the Enneagram with established approaches such as Cognitive-Behavioral Therapy has been described as promising for identifying core beliefs and strengthening the therapeutic alliance, yet randomized controlled trials demonstrating superior therapeutic outcomes are lacking. Applications in medical education and team building show encouraging preliminary results. The review concludes that the Enneagram may offer heuristic value as a complementary tool in clinical practice, provided it is used with methodological rigor, adequate training, and critical awareness of its limitations. Consolidation of its scientific status will depend on longitudinal studies, controlled clinical trials, cross-cultural validation, and neuroscientific investigations with rigorous experimental designs.

Keywords: Enneagram. Personality. Clinical Psychology. Neuroscience. Cognitive-behavioral Therapy. Psychometrics. Narrative Review.

RESUMEN
El Eneagrama de la Personalidad constituye un sistema tipológico que describe nueve patrones de funcionamiento psicológico, cada uno caracterizado por motivaciones centrales, mecanismos de defensa y estilos cognitivo-afectivos específicos. Originario de tradiciones sapienciales y sistematizado para uso clínico por Oscar Ichazo y Claudio Naranjo en la segunda mitad del siglo XX, el modelo ha sido objeto de creciente interés en la psicología y la psiquiatría contemporáneas, aunque su base empírica permanece en fase de consolidación. El presente artículo realiza una revisión narrativa integradora de la literatura sobre el Eneagrama, abarcando sus fundamentos históricos, propiedades psicométricas de los principales instrumentos de evaluación, evidencias neurocientíficas, aplicaciones clínicas y limitaciones metodológicas. El análisis revela que instrumentos como el RHETI y el iEQ9 presentan niveles aceptables de fiabilidad, aunque la validez de constructo — particularmente la replicación de la estructura de nueve factores — permanece inconsistente. En el plano neurocientífico, la evidencia directa que vincule los eneatipos a biomarcadores neurales específicos es aún escasa y preliminar, si bien hallazgos de la neurociencia de la personalidad otorgan plausibilidad teórica a algunas hipótesis del modelo. En el contexto clínico, la integración del Eneagrama con enfoques establecidos como la Terapia Cognitivo-Conductual ha sido descrita como prometedora para la identificación de creencias nucleares y el fortalecimiento de la alianza terapéutica, aunque faltan ensayos clínicos aleatorizados que demuestren superioridad en los resultados terapéuticos. La revisión concluye que el Eneagrama puede ofrecer valor heurístico como herramienta complementaria en la práctica clínica, siempre que se utilice con rigor metodológico y conciencia crítica de sus limitaciones.

Palabras clave: Eneagrama. Personalidad. Psicología Clínica. Neurociencia. Terapia Cognitivo-conductual. Psicometría. Revisión Narrativa.

1 INTRODUÇÃO

A compreensão da personalidade humana permanece como um dos desafios centrais da psicologia clínica e da psiquiatria. Os modelos tipológicos e dimensionais de personalidade desempenham funções complementares nesse campo: enquanto abordagens dimensionais como o Modelo dos Cinco Grandes Fatores (*Big Five*) oferecem descrições empiricamente robustas de traços observáveis, os sistemas tipológicos buscam capturar configurações motivacionais e dinâmicas internas que orientam o comportamento de forma integrada [1, 2]. Nesse panorama, o Eneagrama da Personalidade tem se destacado como um sistema de crescente interesse clínico e acadêmico, embora sua trajetória científica apresente tanto avanços promissores quanto lacunas significativas.

O Eneagrama propõe a existência de nove padrões fundamentais de funcionamento psicológico — os chamados eneatipos —, cada qual definido por uma motivação central, um medo básico, um "vício emocional" (nos termos originários do sistema) e mecanismos de defesa predominantes [3, 4]. Ao contrário de modelos que se concentram em descrever *o que* uma pessoa faz ou *quanto* de um traço ela exibe, o Eneagrama orienta-se para o *porquê* — as motivações inconscientes que subjazem ao comportamento manifesto. Essa ênfase motivacional aproxima-o teoricamente da tradição psicodinâmica e o diferencia de abordagens estritamente fatoriais [4, 5].

A relevância clínica atribuída ao Eneagrama reside em sua proposta de identificar não apenas estilos de personalidade, mas também os padrões automáticos de pensamento, emoção e ação que podem se tornar fontes de sofrimento psíquico quando rígidos ou desadaptativos. Na prática terapêutica, o modelo tem sido utilizado como ferramenta auxiliar para facilitar o autoconhecimento, orientar o planejamento de intervenções e fortalecer a aliança terapêutica [6, 7]. Adicionalmente, aplicações em educação médica [8, 9, 10], formação de equipes [11] e personalização de práticas contemplativas [12] têm sido relatadas na literatura recente.

Contudo, a inserção do Eneagrama na psicologia baseada em evidências enfrenta questionamentos legítimos. Uma revisão sistemática conduzida por Hook e colaboradores [1] — a mais abrangente até o momento — concluiu que, embora existam evidências emergentes de validade para aspectos centrais do modelo (especificamente, os nove tipos básicos), elementos secundários como as "asas" (*wings*) e os movimentos entre tipos carecem de suporte empírico robusto. A estrutura tipológica categórica do sistema, em contraposição aos modelos dimensionais predominantes na psicologia da personalidade contemporânea, constitui uma fonte adicional de controvérsia [2, 13]. Críticos argumentam que o Eneagrama não foi derivado de métodos empíricos, que seus instrumentos de avaliação apresentam limitações psicométricas importantes e que grande parte da literatura favorável carece do rigor metodológico exigido pela ciência psicológica moderna [13, 14].

O presente artigo tem como objetivo realizar uma revisão narrativa integrativa da literatura sobre o Eneagrama da Personalidade, examinando criticamente: (a) seus fundamentos históricos e a trajetória de sistematização psicológica; (b) a recepção do modelo na psicologia e na psiquiatria acadêmicas; (c) as propriedades psicométricas dos principais instrumentos de avaliação e sua relação com modelos de personalidade estabelecidos; (d) o estado atual da evidência neurocientífica; (e) as propostas de integração terapêutica e os dados disponíveis sobre eficácia clínica; e (f) as limitações, controvérsias e direções para pesquisas futuras. Ao longo do texto, adota-se uma distinção explícita entre três níveis de fundamentação: *evidência direta* (estudos que investigaram o Eneagrama como variável principal com metodologia controlada), *evidência indireta ou compatível* (achados de pesquisas sobre constructos relacionados — perfeccionismo, empatia, regulação emocional — cujos resultados são consistentes com hipóteses do modelo, mas não o testaram diretamente) e *plausibilidade teórica ou relatos de experiência* (proposições que derivam de raciocínio conceitual ou de observações clínicas não controladas).

2 MÉTODO

Este estudo constitui uma revisão narrativa integrativa, método adequado para sintetizar o conhecimento sobre um tema amplo e multifacetado, articulando contribuições de naturezas diversas — empíricas, teóricas e clínicas — em uma análise coerente [15]. A opção pela revisão narrativa, em vez de uma revisão sistemática com meta-análise, justifica-se pela heterogeneidade dos desenhos de estudo, das populações investigadas e dos desfechos mensurados na literatura sobre o Eneagrama, bem como pela escassez de ensaios clínicos randomizados que permitiriam uma síntese quantitativa rigorosa.

Estratégia de busca. A identificação de estudos foi realizada nas bases PubMed/MEDLINE, PsycINFO, Web of Science, Scopus, SciELO, Google Scholar e repositórios de teses e dissertações. Os descritores utilizados incluíram: “Enneagram”, “Enneagram AND personality”, “Enneagram AND psychotherapy”, “Enneagram AND neuroscience”, “Enneagram AND psychometrics”, “Enneagram AND validation”, “Enneagram AND CBT”, “Enneagram AND clinical psychology”, e seus equivalentes em português e espanhol. A busca cobriu o período de 1990 a maio de 2026, embora referências seminais anteriores tenham sido incluídas quando relevantes para a contextualização histórica.

Critérios de seleção. Foram considerados elegíveis: (a) artigos empíricos originais que investigassem propriedades psicométricas de instrumentos do Eneagrama, correlatos neurobiológicos dos eneatipos, ou aplicações clínicas e educacionais do modelo; (b) revisões sistemáticas e narrativas

sobre o tema; (c) capítulos de livro e obras de referência com contribuição teórica substantiva; (d) teses e dissertações com relevância metodológica. Foram excluídos textos de divulgação popular sem fundamentação acadêmica, materiais puramente promocionais e publicações sem identificação de autoria ou filiação institucional.

Processo de análise. Os textos selecionados foram analisados qualitativamente, com atenção à qualidade metodológica, ao tamanho amostral, à presença de grupo controle, à clareza na operacionalização de variáveis e à consistência entre os achados reportados e as conclusões apresentadas. As informações foram organizadas em categorias temáticas correspondentes às seções deste artigo. Para cada achado citado, indica-se o nível de evidência (direta, indireta/compatível ou plausibilidade teórica), conforme explicitado na introdução.

3 FUNDAMENTOS HISTÓRICOS: DO SÍMBOLO COSMOLÓGICO AO SISTEMA PSICOLÓGICO

3.1 O ENEAGRAMA COMO SÍMBOLO: GURDJIEFF E A TRADIÇÃO ESOTÉRICA

A história do eneagrama enquanto símbolo geométrico precede em décadas sua utilização como tipologia de personalidade. George Ivanovich Gurdjieff (c. 1866–1949), filósofo e mestre espiritual armênio-grego, introduziu a figura de nove pontas no Ocidente nas primeiras décadas do século XX como ferramenta didática para ilustrar processos cósmicos e psicológicos. Para Gurdjieff, o diagrama representava a interação de duas leis universais — a Lei de Três (a tríade de forças ativa, passiva e neutralizante em qualquer processo de criação) e a Lei de Sete (a progressão dos processos através de estágios com intervalos previsíveis) [3, 16]. É importante notar que, nesta fase, o eneagrama não tinha qualquer relação com tipos de personalidade; tratava-se de um modelo processual e cosmológico, não tipológico.

3.2 OSCAR ICHAZO E A ASSOCIAÇÃO COM TIPOS DE PERSONALIDADE

A transformação do símbolo em tipologia psicológica é atribuída a Oscar Ichazo (1931–2020), pensador boliviano-chileno que fundou a Escola de Arica na década de 1960. Ichazo propôs a associação de cada ponto do eneagrama a uma "fixação do ego" — um padrão habitual de distorção cognitiva que mantém o indivíduo afastado de seu funcionamento ótimo [3, 4]. Ele desenvolveu um sistema que incluía, além dos nove tipos básicos, três variantes instintivas (autopreservação, social e sexual/transmissão) para cada tipo, totalizando 27 subtipos. A concepção de Ichazo articulava influências do misticismo islâmico (Sufismo), da filosofia neoplatônica, do Budismo e de tradições

herméticas, conferindo ao modelo uma herança sincrética que permanece presente — e, para alguns críticos, problemática — em sua identidade epistemológica [13, 17].

3.3 CLAUDIO NARANJO E A TRADUÇÃO CLÍNICA

O momento decisivo para a aproximação do Eneagrama à psicologia acadêmica ocorreu com o psiquiatra chileno Claudio Naranjo (1932–2019). Formado em medicina pela Universidade do Chile, com atuação no Instituto Esalen (Califórnia) e em centros de pesquisa em psicofarmacologia e psicoterapia, Naranjo trouxe ao modelo uma linguagem clínica sistemática. Ele correlacionou os eneatipos com categorias diagnósticas do DSM, identificou mecanismos de defesa predominantes para cada tipo, e descreveu padrões cognitivos, afetivos e comportamentais com base em observação clínica extensiva [3, 4, 5].

A contribuição de Naranjo distingue-se por sua tentativa de integração teórica: ele articulou os eneatipos com conceitos da Psicanálise (mecanismos de defesa, caráter neurótico), da Gestalt-Terapia (awareness, contato, resistência) e da psiquiatria descritiva. Em sua obra *Character and Neurosis* [5], Naranjo propôs que cada eneatipo corresponde a uma "paixão" ou vício emocional (ira, orgulho, vaidade, inveja, avareza, medo, gula, luxúria, preguiça) e a um estilo caracteriológico que dialoga com os transtornos de personalidade descritos na nosologia psiquiátrica. Essa sistematização abriu caminho para que pesquisadores subsequentes submetessem o modelo a investigação empírica.

3.4 A FASE DE PESQUISA EMPÍRICA (DÉCADAS DE 1990 A 2020)

A partir dos anos 1990, autores como David Daniels (Stanford University), Jerome Wagner e Don Riso e Russ Hudson empreenderam esforços para transformar o conhecimento fenomenológico acumulado por Naranjo em dados psicométricos [3, 18, 19]. Wagner desenvolveu o *Wagner Enneagram Personality Style Scales* (WEPSS), enquanto Riso e Hudson criaram o *Riso-Hudson Enneagram Type Indicator* (RHETI), ambos instrumentos de autorrelato que buscavam operacionalizar os nove tipos em escalas mensuráveis. Sutton e colaboradores [20] contribuíram com o *Enneagram Questionnaire* (EQ), avaliado em contexto acadêmico com amostras independentes. Mais recentemente, o *Integrative Enneagram Questionnaire* (iEQ9), desenvolvido pela empresa Integrative Enneagram Solutions, propõe uma abordagem adaptativa com algoritmos que ajustam as perguntas em função das respostas anteriores [21].

Esse movimento de empiricização, embora representativo de um avanço em relação à tradição oral e experiencial que predominou nas décadas anteriores, enfrenta desafios estruturais que serão discutidos nas seções seguintes: a inconsistência na replicação da estrutura fatorial de nove tipos, a

instabilidade na atribuição categórica do tipo principal e a sobreposição substancial com dimensões do modelo *Big Five* [1, 13].

4 RECEPÇÃO NA PSICOLOGIA E NA PSIQUIATRIA ACADÊMICAS

A recepção do Eneagrama no meio acadêmico tem sido marcada por uma polarização: de um lado, clínicos e pesquisadores que reconhecem seu potencial heurístico e propõem sua validação empírica progressiva; de outro, críticos que o classificam como pseudocientífico e desaconselham seu uso em contextos de avaliação formal [1, 13, 14].

A revisão sistemática de Hook e colaboradores [1], publicada no *Journal of Clinical Psychology*, constitui o marco mais importante na avaliação acadêmica do sistema. Os autores examinaram a literatura disponível e concluíram que: (a) existem evidências preliminares de validade para os nove tipos básicos; (b) aspectos secundários da teoria — asas, níveis de desenvolvimento, movimentos de integração e desintegração — não dispõem de suporte empírico consistente; (c) a base de evidências é insuficiente para recomendar o uso do Eneagrama como instrumento primário de avaliação; e (d) pesquisas futuras devem priorizar desenhos experimentais rigorosos, amostras representativas e instrumentos padronizados [1].

No polo crítico, autores como Shermer [14] e Carroll [13] argumentam que o Eneagrama apresenta características típicas de sistemas pseudocientíficos: origens não empíricas, descrições vagas o suficiente para ativar o efeito Barnum (a tendência de aceitar descrições genéricas como pessoalmente precisas), dificuldade de refutação e uma economia comercial de certificações que pode gerar conflitos de interesse na pesquisa. A classificação como pseudociência é reforçada pela ausência de derivação empírica “de baixo para cima” (a partir de dados), sendo o modelo construído “de cima para baixo” a partir de pressupostos teórico-filosóficos [13, 14].

Entre esses dois polos, uma posição intermediária — que este artigo considera mais produtiva — reconhece que o Eneagrama se encontra em um estágio pré-paradigmático de validação. Trata-se de um sistema que gerou hipóteses clinicamente relevantes e que possui instrumentos de avaliação com propriedades psicométricas parcialmente aceitáveis, mas que ainda não demonstrou, por meio de evidências convergentes e replicáveis, que sua contribuição é irredutível àquela de modelos já estabelecidos. Essa posição é compatível com a recomendação de Hook e colaboradores [1] de que o Eneagrama merece investigação séria, sem que isso implique aceitação acrítica de suas premissas.

5 PSICOMETRIA E EVIDÊNCIA EMPÍRICA

5.1 INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO: CONFIABILIDADE E VALIDADE

A avaliação psicométrica dos instrumentos do Eneagrama constitui um campo de resultados heterogêneos. O RHETI (*Riso-Hudson Enneagram Type Indicator*), um dos instrumentos mais utilizados e estudados, consiste em 144 itens de escolha forçada. Estudos reportam consistência interna (alfa de Cronbach) global de 0,90, com coeficientes para escalas individuais variando de 0,56 a 0,82. A confiabilidade teste-reteste situa-se em torno de 0,83 em intervalos de 30 dias [1, 19]. A validade convergente com o NEO-PI-R (baseado no modelo *Big Five*) mostra correlações de 0,61 a 0,73, indicando que o RHETI capta parcela significativa da variância explicada por traços de personalidade reconhecidos [1].

Contudo, a validade de construto do RHETI é questionável. Análises fatoriais exploratórias e confirmatórias frequentemente não conseguem replicar a estrutura teórica de nove fatores, identificando um número menor de dimensões latentes [1, 13]. Além disso, a concordância entre o RHETI e outros instrumentos de Eneagrama, como o WEPSS, tem sido baixa — um estudo reportou concordância de apenas 42% na atribuição do tipo principal [1]. Versões de escolha não forçada do RHETI demonstraram propriedades psicométricas superiores, lançando dúvidas sobre o formato ipsativo padrão do instrumento [1].

O iEQ9 (*Integrative Enneagram Questionnaire*), instrumento mais recente, apresenta resultados mais promissores. Um estudo independente com mais de 5.900 participantes reportou alfas de Cronbach superiores a 0,70 para todas as nove escalas, com três delas (Tipos 1, 8 e 9) atingindo valores acima de 0,80 [21]. A análise fatorial exploratória e a Teoria de Resposta ao Item (TRI) confirmaram uma solução de nove fatores alinhada ao modelo teórico, e as correlações interescalas foram de pequenas a moderadas, sugerindo diferenciação adequada entre os tipos [21]. Apesar desses avanços, a reivindicação de seus desenvolvedores de “95% de precisão” constitui uma afirmação autorreferenciada que carece de verificação independente e deve ser interpretada com cautela.

Um desafio transversal à psicometria do Eneagrama é a instabilidade da classificação categórica: estudos indicam que entre 30% e 50% dos respondentes recebem um tipo diferente ao refazer o teste, o que compromete a noção de um tipo “principal” estável ao longo do tempo [1, 13]. Esse achado levanta questões sobre se o Eneagrama é mais adequadamente compreendido como um sistema dimensional (onde cada indivíduo apresenta graus variáveis de afinidade com múltiplos tipos) do que como uma tipologia categórica estrita.

5.2 RELAÇÃO COM MODELOS ESTABELECIDOS DE PERSONALIDADE

A sobreposição entre o Eneagrama e o modelo *Big Five* constitui simultaneamente uma fonte de validação parcial e um desafio à originalidade do sistema. Estudos correlacionais demonstram associações significativas e teoricamente coerentes: o Tipo 1 (Perfeccionista) correlaciona-se com alta Conscienciosidade; o Tipo 4 (Individualista) com alto Neuroticismo e alta Abertura à Experiência; o Tipo 7 (Entusiasta) com alta Extroversão [1, 2].

Essa convergência indica que o Eneagrama capta variância compartilhada com dimensões de personalidade empiricamente consolidadas, o que pode ser interpretado como evidência de validade concorrente. Entretanto, críticos argumentam que, se os fatores extraídos dos instrumentos do Eneagrama se assemelham mais às dimensões do *Big Five* do que aos nove tipos teóricos, o modelo pode constituir uma "reembalagem" de traços já conhecidos, sem contribuição explicativa incremental [13, 14]. A questão permanece em aberto: proponentes sustentam que a especificidade do Eneagrama reside em seu foco motivacional e dinâmico (integrando motivação, defesa e direção de desenvolvimento), aspectos que não são capturados pelo *Big Five* em sua formulação padrão [4, 5].

A análise de redes realizada por Ramos-Vera e colaboradores [22], com 859 estudantes universitários peruanos, investigou as relações entre eneatipos e indicadores de personalidade saudável sob estresse psicossocial. Os resultados demonstraram que diferentes eneatipos ocupam posições distintas na rede de relações entre variáveis psicológicas, com alguns tipos (6, 7, 8) apresentando maior centralidade. Embora esse estudo não resolva a questão da irredutibilidade do Eneagrama ao *Big Five*, ele sugere que o sistema pode captar configurações de variáveis que não são trivialmente redutíveis a combinações lineares de traços [22].

6 EVIDÊNCIA NEUROCIENTÍFICA: ESTADO ATUAL E LIMITES

6.1 ENQUADRAMENTO TEÓRICO: CENTROS DE INTELIGÊNCIA E NEUROBIOLOGIA

O Eneagrama organiza os nove tipos em três "centros de inteligência": o centro instintivo (Tipos 8, 9, 1), associado à raiva e à ação; o centro emocional (Tipos 2, 3, 4), associado à vergonha e à identidade; e o centro mental (Tipos 5, 6, 7), associado ao medo e ao planejamento [3, 4]. Teóricos como David Daniels e Jack Killen propuseram correspondências entre esses centros e sistemas emocionais descritos pela neurociência afetiva: o centro instintivo corresponderia a circuitos de raiva/assertividade mediados pela amígdala e pelo tronco encefálico; o centro emocional a sistemas de vínculo e angústia de separação; e o centro mental a circuitos de vigilância e ansiedade [23].

É fundamental explicitar que essas correspondências constituem *plausibilidade teórica*, não evidência empírica. Elas representam hipóteses que alinham conceitos do Eneagrama com a

neurociência de forma conjectural, mas que não foram testadas em estudos que tenham mensurado simultaneamente o eneatipo dos participantes e a atividade dos circuitos neurais propostos.

6.2 EVIDÊNCIA INDIRETA: NEUROCIÊNCIA DA PERSONALIDADE E CONSTRUCTOS RELACIONADOS

A neurociência da personalidade tem demonstrado que traços como Neuroticismo, Extroversão e Conscienciosidade possuem correlatos neurobiológicos observáveis por meio de técnicas como fMRI e EEG [24]. Estudos de Matz e colaboradores [25] mostraram, por exemplo, que a similaridade de personalidade (medida por instrumentos gerais) prevê respostas neurais síncronas entre indivíduos expostos aos mesmos estímulos, sugerindo que disposições psicológicas compartilhadas se traduzem em processamento neural alinhado. Pesquisas sobre perfeccionismo identificaram hiperativação do córtex cingulado anterior durante tarefas de detecção de erros [26]; estudos sobre empatia demonstraram envolvimento do sistema de neurônios-espelho [27]; e investigações sobre o sistema de recompensa mostraram ativação diferencial do estriado ventral em personalidades orientadas à realização [28].

Esses achados são *compatíveis* com hipóteses derivadas do Eneagrama — por exemplo, a hipótese de que o Tipo 1 (Perfeccionista) apresentaria hiperativação em circuitos de monitoramento de erros, ou que o Tipo 2 (Ajudador) mostraria maior ativação no sistema de empatia. Entretanto, é imprescindível sublinhar que *compatibilidade não equivale a confirmação*. Os estudos citados investigaram constructos genéricos (perfeccionismo, empatia, orientação à realização), não eneatipos específicos. A extrapolação desses achados para o Eneagrama constitui uma inferência plausível, porém não uma demonstração empírica. A apresentação de tais estudos como "validação neurocientífica do Eneagrama" — prática observada em algumas publicações do campo — constitui uma fragilidade acadêmica que compromete a credibilidade do modelo [13].

6.3 EVIDÊNCIA DIRETA: ESTUDOS QUE INVESTIGARAM O ENEAGRAMA COM MÉTODOS NEUROCIENTÍFICOS

A evidência direta que vincule eneatipos a biomarcadores neurais mensuráveis é, até o presente, escassa. Linarez-Placencia e Espinoza-Castelo [29] conduziram um estudo empregando EEG e software de reconhecimento facial com 142 profissionais, reportando correlatos fisiológicos distintos entre eneatipos e padrões diferenciais de ativação cerebral e expressões faciais. Embora esse estudo constitua uma contribuição pioneira, limitações importantes incluem o tamanho amostral modesto, a

ausência de grupo controle e a publicação em revista de alcance limitado, o que dificulta a avaliação de sua qualidade metodológica.

Um estudo frequentemente citado em publicações sobre o Eneagrama é atribuído a Hook e colaboradores (2019), descrito como um estudo de fMRI com 91 adultos realizado em Stanford, no qual algoritmos de aprendizado de máquina teriam predito o eneatipo a partir de escaneamentos cerebrais com 73% de acurácia [30]. Contudo, a verificação desta referência revela ambiguidade: a publicação de Hook e colaboradores amplamente indexada é a revisão sistemática de 2021 [1], e a existência de um estudo de neuroimagem separado de 2019 não pôde ser confirmada nas bases de dados consultadas. Até que essa referência seja verificada de forma inequívoca, seus resultados devem ser tratados com reserva.

Kam [31] propôs um framework teórico para a integração entre Eneagrama e pesquisa sobre processos conscientes e inconscientes, argumentando que a neurociência cognitiva pode oferecer ferramentas para investigar as "fixações do ego" propostas pelo modelo. O autor sugere três direções de pesquisa: validação empírica dos eneatipos via neuroimagem, investigação dos mecanismos neurais de mudança em intervenções baseadas no Eneagrama, e desenvolvimento de protocolos terapêuticos personalizados por eneatipo com base em características neurobiológicas. Esse trabalho constitui uma contribuição teórica valiosa, mas seus conteúdos são proposições para pesquisa futura, não achados empíricos.

6.4 SÍNTESE: O QUE A NEUROCIÊNCIA PODE E NÃO PODE DIZER SOBRE O ENEAGRAMA

O estado atual da evidência neurocientífica sobre o Eneagrama pode ser sintetizado em três proposições: (a) a neurociência da personalidade demonstra, de forma ampla, que diferenças individuais em traços psicológicos possuem correlatos neurobiológicos, o que torna plausível a existência de assinaturas neurais associadas aos eneatipos; (b) estudos sobre constructos isolados (perfeccionismo, empatia, ansiedade, orientação à realização) produzem achados que são compatíveis com hipóteses do Eneagrama, mas não os testaram; (c) a evidência direta — estudos que tenham mensurado eneatipos e correlatos neurais simultaneamente — é extremamente limitada, metodologicamente incipiente e insuficiente para conclusões robustas. A agenda neurocientífica do Eneagrama, embora promissora, permanece essencialmente no domínio da proposição, não da demonstração.

7 INTEGRAÇÃO TERAPÊUTICA E APLICAÇÕES CLÍNICAS

7.1 O ENEAGRAMA COMO FERRAMENTA AUXILIAR NA PSICOTERAPIA

Na prática clínica, o Eneagrama tem sido utilizado não como modelo terapêutico autônomo, mas como ferramenta complementar para enriquecer o processo psicoterapêutico. Suas principais aplicações descritas na literatura incluem: (a) facilitação do autoconhecimento, oferecendo ao paciente uma linguagem estruturada para compreender motivações, padrões automáticos e mecanismos de defesa [6, 7]; (b) fortalecimento da aliança terapêutica, na medida em que a compreensão do eneatipo do paciente pode auxiliar o terapeuta a demonstrar empatia mais precisa e a manejar reações contratransferenciais [6]; (c) orientação do planejamento terapêutico, permitindo a seleção de intervenções adequadas às vulnerabilidades e aos recursos específicos de cada tipo [7]; e (d) trabalho relacional, especialmente em terapia de casal e familiar, onde a compreensão mútua dos tipos pode reduzir conflitos e aumentar a empatia [6, 32].

Esses benefícios são reportados primariamente como *relatos de experiência clínica* e *plausibilidade teórica*. A literatura sobre aplicações clínicas do Eneagrama é, em sua maioria, composta por descrições de casos, propostas de protocolo e reflexões teóricas, e não por estudos controlados que mensurem desfechos terapêuticos. Essa distinção é fundamental para uma avaliação equilibrada.

7.2 INTEGRAÇÃO COM A TERAPIA COGNITIVO-COMPORTAMENTAL (TCC)

A articulação entre Eneagrama e TCC tem sido identificada como uma das propostas de integração mais promissoras [6, 33]. O argumento central é que o Eneagrama fornece o *conteúdo* — a identificação das crenças nucleares, dos pensamentos automáticos e dos esquemas cognitivos característicos de cada tipo — enquanto a TCC oferece o *método* — as técnicas de reestruturação cognitiva, exposição e modificação comportamental necessárias para a mudança terapêutica.

Maschio e Soczek [33] propuseram que a "paixão" ou "vício emocional" de cada eneatipo pode ser entendida como uma manifestação de crenças centrais disfuncionais no modelo beckiano. Por exemplo, o Tipo 1 (Perfeccionista) apresentaria crenças nucleares de inadequação ("não sou bom o suficiente") que alimentam um crítico interno rígido, passível de abordagem por técnicas de reestruturação cognitiva e autocompaixão. O Tipo 6 (Leal/Questionador), com seu padrão de hipervigilância e antecipação catastrófica, poderia ser compreendido como manifestando esquemas de vulnerabilidade ao perigo, trabalhados eficazmente por exposição gradual e descatastrofização.

Embora essa integração seja *teoricamente coerente* e *clinicamente plausível*, cabe reiterar que não foram localizados, na literatura revisada, ensaios clínicos randomizados que comparem a TCC com

Eneagrama versus TCC sem Eneagrama em desfechos como redução de sintomas, qualidade de vida ou satisfação terapêutica. A eficácia incremental do Eneagrama como adjuvante à TCC permanece, portanto, como hipótese a ser testada.

7.3 ARTICULAÇÃO COM OUTRAS ABORDAGENS TERAPÊUTICAS

Além da TCC, o Eneagrama tem sido articulado com outras tradições psicoterapêuticas. Na Psicologia Analítica (Junguiana), os nove tipos têm sido interpretados como expressões de padrões arquetípicos — configurações recorrentes de experiência psíquica que moldam a percepção e o comportamento [6]. Na Psicologia Transpessoal, o Eneagrama é concebido como um mapa do processo de individuação, identificando os padrões do ego que devem ser transcendidos para o acesso à "essência" do indivíduo [6, 34]. Na Terapia Focada em Esquemas, as fixações do ego descritas pelo Eneagrama podem ser interpretadas como esquemas desadaptativos precoces, oferecendo um sistema complementar de classificação das vulnerabilidades emocionais.

Essas articulações são, em sua totalidade, de natureza *teórica e especulativa*. Representam exercícios legítimos de integração conceitual, mas não substituem a necessidade de investigação empírica que demonstre ganhos terapêuticos mensuráveis.

7.4 APLICAÇÕES EM EDUCAÇÃO MÉDICA E FORMAÇÃO PROFISSIONAL

Um campo de aplicação que tem recebido atenção crescente é o uso do Eneagrama na educação médica e no desenvolvimento profissional. Carlson [8] propôs o sistema como framework para o desenvolvimento de docentes em programas de residência em cirurgia bucomaxilofacial, argumentando que a compreensão dos eneatipos permite adaptar estratégias pedagógicas às necessidades individuais dos residentes. Cifuni e colaboradores [9] desenvolveram um módulo educacional sobre o Eneagrama para residentes de medicina de emergência, com objetivos de melhorar o trabalho em equipe e a liderança em ambientes de alta pressão.

Everett e colaboradores [10] investigaram a relação entre eneatipos e o alcance de marcos de competência (*milestones*) definidos pelo ACGME (*Accreditation Council for Graduate Medical Education*) entre residentes de cirurgia. Os resultados não identificaram diferença significativa nos níveis de *milestone* entre os diferentes tipos ($P = 0,322$), mas indicaram que a conscientização sobre o próprio tipo estava associada a maior satisfação profissional e melhor manejo do estresse. Blose e colaboradores [35] conduziram uma revisão narrativa sobre o tema, identificando potenciais aplicações na seleção de equipes clínicas, desenvolvimento de habilidades de comunicação e identificação precoce de residentes em risco de *burnout*.

Criado e colaboradores [11], em estudo com equipes educacionais, demonstraram que a composição de tipos dentro de uma equipe influencia o desempenho coletivo: combinações complementares de tipos foram associadas a melhor desempenho, enquanto equipes com predominância de um único tipo tenderam a apresentar pontos cegos coletivos e menor diversidade de abordagem.

Esses estudos, embora preliminares e com limitações metodológicas (amostras de conveniência, ausência de grupos controle em vários casos), constituem *evidência empírica direta* de que o Eneagrama pode ser incorporado a programas de educação e desenvolvimento profissional com resultados mensuráveis, ainda que modestos.

7.5 PERSONALIZAÇÃO DE PRÁTICAS CONTEMPLATIVAS

Garcia-Campayo e colaboradores [12] abordaram a personalização de práticas meditativas com base em tipologias de personalidade, incluindo o Eneagrama. Os autores argumentam que a abordagem padronizada (*one-size-fits-all*) para *mindfulness* pode não ser ótima e propõem que diferentes tipos se beneficiariam de práticas distintas: tipos da tríade emocional poderiam se beneficiar de práticas de equanimidade e observação não reativa; tipos da tríade mental, de práticas de presença corporal e redução de ruminação; tipos da tríade instintiva, de práticas de aceitação e flexibilidade [12]. Essa proposta representa uma contribuição ao campo emergente da personalização de intervenções em saúde mental, com *plausibilidade teórica* apoiada por evidências da psicologia da personalidade que demonstram que intervenções psicoterapêuticas podem ser mais eficazes quando adaptadas a características individuais do paciente.

8 LIMITAÇÕES, CONTROVÉRSIAS E CONSIDERAÇÕES ÉTICAS

8.1 LIMITAÇÕES METODOLÓGICAS DA PESQUISA EXISTENTE

A literatura sobre o Eneagrama apresenta limitações metodológicas recorrentes que restringem a generalização dos achados: (a) predominância de amostras pequenas e de conveniência, frequentemente recrutadas em contextos de formação em Eneagrama, o que introduz viés de autosseleção; (b) escassez de estudos longitudinais que permitam inferências causais sobre a eficácia de intervenções; (c) ausência de ensaios clínicos randomizados que comparem tratamentos com e sem Eneagrama; (d) inconsistência na definição operacional dos eneatipos entre diferentes estudos; (e) falta de um "padrão-ouro" para determinação do tipo verdadeiro de um indivíduo, o que dificulta a validação de qualquer instrumento [1, 13].

8.2 CONTROVÉRSIAS CONCEITUAIS

O debate sobre a natureza do Eneagrama — se constitui um sistema categórico ou dimensional, se captura variância incremental além do *Big Five*, se suas premissas são empiricamente refutáveis — permanece não resolvido. Proponentes argumentam que a riqueza do modelo reside precisamente em sua capacidade de integrar motivação, defesa, dinâmica de estresse/crescimento e espiritualidade em um sistema coerente, algo que modelos estritamente fatoriais não oferecem [4, 5]. Críticos respondem que essa riqueza pode ser ilusória — uma consequência da vagueza descritiva que torna o sistema imune à refutação (o problema da não-falsificabilidade) e o torna vulnerável ao efeito Barnum e ao viés de confirmação [13, 14].

A questão das "asas" e dos movimentos de integração/desintegração merece menção especial. Esses aspectos dinâmicos são frequentemente apresentados como elementos que diferenciam o Eneagrama de tipologias estáticas, conferindo-lhe sofisticação processual. Contudo, a revisão de Hook e colaboradores [1] constatou que esses elementos carecem de suporte empírico, e mesmo alguns proponentes do sistema revisaram ou abandonaram postulados originais sobre esses mecanismos. A ausência de validação para os componentes mais distintivos do modelo enfraquece significativamente sua reivindicação de oferecer contribuição teórica única.

8.3 CONSIDERAÇÕES ÉTICAS

O uso clínico do Eneagrama suscita preocupações éticas que merecem atenção: (a) o risco de rotulagem reducionista, pelo qual a complexidade do indivíduo é comprimida em uma categoria numérica, podendo gerar crenças autolimitantes e profecias autorrealizáveis [6, 13]; (b) o uso indevido como ferramenta diagnóstica, o que é inadequado — o Eneagrama não substitui o DSM-5-TR ou a CID-11 e não deve ser empregado para diagnóstico de transtornos mentais; (c) a interferência de condições psiquiátricas (depressão, ansiedade, TOC, TDAH, trauma) na autoavaliação, que pode distorcer a tipificação e confundir o processo terapêutico [7]; (d) a ausência de formação padronizada e credenciada para aplicação clínica do Eneagrama, o que resulta em variabilidade na competência dos praticantes; (e) potenciais conflitos de interesse, dado que existe uma indústria comercial de certificações, workshops e formações em Eneagrama que pode influenciar a produção e a interpretação da pesquisa [13, 14].

Recomenda-se que profissionais que utilizem o Eneagrama na prática clínica o façam como ferramenta heurística complementar, nunca como instrumento diagnóstico ou de avaliação primária; que mantenham formação contínua e supervisão; que explicitem ao paciente a natureza não validada do instrumento; e que priorizem sempre intervenções com eficácia demonstrada.

9 DISCUSSÃO

A análise realizada neste artigo permite situar o Eneagrama da Personalidade em uma posição complexa no panorama da psicologia da personalidade e da prática clínica. O modelo apresenta uma trajetória histórica de crescente aproximação à ciência, passando de suas origens em tradições sapienciais (Gurdjieff, Ichazo) para uma sistematização clínica com linguagem psiquiátrica (Naranjo) e, subsequentemente, para tentativas de validação psicométrica e neurocientífica. Essa trajetória é, em si, notável e diferencia o Eneagrama de muitos outros sistemas tipológicos de origem não acadêmica.

No entanto, o estado atual da evidência revela uma distância considerável entre a popularidade do modelo e a robustez de sua fundamentação empírica. A psicometria dos instrumentos disponíveis oferece resultados encorajadores em confiabilidade, mas problemáticos em validade de construto — particularmente a dificuldade de replicar a estrutura de nove tipos e a instabilidade na classificação categórica. A sobreposição com o *Big Five* levanta a questão, ainda não respondida satisfatoriamente, de se o Eneagrama oferece contribuição explicativa incremental ou se constitui uma reformulação de traços já mapeados por modelos com fundamentação empírica mais sólida.

No plano neurocientífico, a situação é ainda mais incipiente. A plausibilidade teórica da existência de correlatos neurais para os eneatipos é sustentada pela neurociência da personalidade de forma geral, e achados sobre constructos como perfeccionismo, empatia e regulação emocional são compatíveis com hipóteses do modelo. Porém, a evidência direta — estudos que tenham investigado simultaneamente eneatipos e padrões de atividade neural — é extremamente limitada. A prática de reinterpretar estudos neurocientíficos genéricos como se fossem validações específicas do Eneagrama constitui uma fragilidade acadêmica identificada na literatura do campo que deve ser evitada.

No contexto clínico, as propostas de integração com abordagens estabelecidas — especialmente a TCC — são teoricamente coerentes e clinicamente plausíveis. Relatos de experiência sugerem que o Eneagrama pode facilitar a identificação de padrões automáticos, crenças nucleares e mecanismos de defesa, além de fortalecer a aliança terapêutica. Porém, a ausência de ensaios clínicos randomizados que demonstrem eficácia incremental impede afirmações sobre superioridade terapêutica. As aplicações em educação médica representam talvez o campo com evidência empírica mais direta, embora ainda preliminar.

As limitações do presente artigo incluem sua natureza de revisão narrativa (não sistemática), a impossibilidade de verificação de todas as referências primárias na íntegra (particularmente estudos publicados em revistas de difícil acesso), e o viés inerente à seleção qualitativa de fontes. Não obstante, a amplitude temática e a distinção sistemática entre níveis de evidência conferem a esta revisão uma contribuição organizadora para o campo.

10 CONCLUSÃO

O Eneagrama da Personalidade apresenta-se como um sistema tipológico com herança histórica singular e relevância clínica potencial, cuja trajetória em direção à validação científica se encontra em estágio intermediário — mais avançado do que seus detratores reconhecem, porém menos consolidado do que seus entusiastas reivindicam.

Os dados disponíveis indicam que: (a) os instrumentos psicométricos do sistema possuem confiabilidade aceitável, mas validade de construto ainda inconsistente; (b) a evidência neurocientífica é teoricamente plausível, porém empiricamente insuficiente; (c) as propostas de integração clínica, particularmente com a TCC, são coerentes e promissoras, mas carecem de validação por meio de ensaios controlados; (d) aplicações em educação médica e formação de equipes apresentam resultados preliminares encorajadores; e (e) limitações metodológicas, éticas e conceituais significativas exigem abordagem cautelosa e crítica.

A consolidação do Eneagrama como ferramenta cientificamente fundamentada na psicologia clínica dependerá do cumprimento de uma agenda de pesquisa que inclua: desenvolvimento e validação transcultural de instrumentos psicométricos com propriedades replicáveis; condução de ensaios clínicos randomizados que avaliem o valor incremental do Eneagrama como adjuvante terapêutico; realização de estudos neurocientíficos com desenhos experimentais rigorosos que investiguem diretamente os eneatipos; e investigação da estabilidade temporal e da sensibilidade à mudança dos tipos ao longo do processo terapêutico.

Enquanto essa agenda não for substancialmente cumprida, recomenda-se que o Eneagrama seja utilizado na prática clínica como ferramenta heurística complementar — um instrumento para gerar hipóteses, facilitar o diálogo terapêutico e promover o autoconhecimento —, jamais como substituto de avaliações psicológicas e psiquiátricas validadas, de sistemas diagnósticos reconhecidos (DSM-5-TR, CID-11) ou de intervenções com eficácia demonstrada. Essa postura de "ceticismo construtivo" parece ser a mais adequada diante de um sistema que gerou contribuições clínicas relevantes, mas que ainda precisa demonstrar, com o rigor que a ciência exige, que sua proposta de compreensão da personalidade humana é empiricamente sustentável e clinicamente irredutível.

REFERÊNCIAS

Aydın Avci, İ., Korkmaz, M., Öz Yıldırım, Ö., *et al.* (2023). Analysis of post-migration traumatic events influence on immigrants and their personality traits. *Central European Journal of Public Health*, 31(3), 204–209.

Beck, J. S. (2013). *Terapia Cognitivo-Comportamental: Teoria e Prática* (2ª ed.). Porto Alegre: Artmed.

Blose, T. M., Yeates, A. C., Som, M., Murray, K. A., Vassar, M., & Stroup, J. (2023). The Enneagram and its application in medical education. *Proceedings (Baylor University Medical Center)*, 36(1), 54–58.

Burger, T., & van Coller-Peter, S. (2019). The Enneagram and emotional intelligence: A correlational study. *South African Journal of Psychology*, 49(2), 283–295.

Carlson, E. R. (2022). The Enneagram: A framework for faculty development. *Journal of Oral and Maxillofacial Surgery*, 80(10), 1583–1586.

Cifuni, M., Pfennig, C., & Astemborski, C. (2023). Enneagram in EM. *Journal of Education and Teaching in Emergency Medicine*, 8(4), L1–L22.

Costa, P. T., & McCrae, R. R. (1992). *Revised NEO Personality Inventory (NEO-PI-R) and NEO Five-Factor Inventory (NEO-FFI) professional manual*. Odessa, FL: Psychological Assessment Resources.

Criado, J. M., Gutiérrez, G., Cano, E. L., Garzás, J., González de Lena, M. T., Moguerza, J. M., & Fernández Muñoz, J. J. (2025). Effects of personality types on the performance of educational teams. *Behavioral Sciences*, 15(3), 312.

Daniels, D. N. Our neurobiology and the Enneagram. Disponível em: https://drdaviddaniels.com/our-neurobiology/

Daniels, D., & Price, V. (2009). *The Essential Enneagram: The Definitive Personality Test and Self-Discovery Guide*. New York: HarperOne.

DeYoung, C. G. (2015). Cybernetic Big Five Theory. *Journal of Research in Personality*, 56, 33–58.

Engelseth, K., *et al.* (2021). The Enneagram in organizational development: A systematic review. *Journal of Management Development*, 40(3), 234–251.

Everett, H. M., Harrell, K. N., Giles, W. H., & Bhattacharya, S. D. (2024). The Enneagram as a tool for resident wellness and correlation with Accreditation Council for Graduate Medical Education milestone achievements. *Journal of Surgical Research*, 296, 337–342.

Gallese, V., *et al.* (2021). Mirror neuron system and empathy: A meta-analysis. *Cortex*, 138, 256–273.

Garcia-Campayo, J., Whyte, R., & Hijar-Aguinaga, R. (2024). The greatest challenge in contemplative science: Tailoring meditative practices. *Frontiers in Psychology*, 15, 1483342.

Hook, J. N., *et al.* (2019). *Referência citada na literatura secundária como estudo de fMRI sobre eneatipos em Stanford; verificação na fonte primária não foi conclusiva. Dado reportado sob reserva.*

Hook, J. N., Hall, T. W., Davis, D. E., Van Tongeren, D. R., & Conner, M. (2021). The Enneagram: A systematic review of the literature and directions for future research. *Journal of Clinical Psychology*, 77(4), 865–883. https://doi.org/10.1002/jclp.23097

Integrative Enneagram Solutions. (2021). Testing the iEQ9: Exploring the reliability and validity of the iEQ9 Individual Questionnaire. Disponível em: https://www.integrative9.com/media/articles/35/Testing-the-iEQ9-Reliability-and-Validity

Inverse (2021). Enneagram personality test: Why experts say it is "pseudoscientific at best." Disponível em: https://www.inverse.com/mind-body/enneagram-personality-test-experts-explain

Kam, C. (2024). Enhancing Enneagram therapy with contemporary research on the conscious and unconscious mind. *Integrative Psychological and Behavioral Science*, 58(2), 711–730.

Kam, C., & Vriend, J. (2021). *The Enneagram in Psychotherapy: A Comprehensive Guide*. New York: Routledge.

La, M. (2014). The Enneagram and therapeutic alliance: A qualitative study. *Journal of Humanistic Psychology*, 54(3), 289–310.

Linarez-Placencia, G., & Espinoza-Castelo, L. (2019). Neurociencia y Eneagrama: Reconfigurando los equipos de trabajo. *Revista de Pedagogía Crítica*, 3(8), 27–37.

Maschio, T. R. A., & Soczek, K. L. (2017). O Eneagrama como ferramenta de autoconhecimento e sua relação com a Teoria Cognitivo-Comportamental. *Trabalho de Conclusão de Curso*, Universidade Estadual do Paraná.

Matise, M. (2019). *The Enneagram in Psychotherapy: A Map for Client Discovery*. New York: Norton.

Matz, S. C., *et al.* (2022). Personality similarity predicts synchronous neural responses in fMRI and EEG data. *Scientific Reports*, 12, 14325. https://doi.org/10.1038/s41598-022-18237-1

Mendonça, I. C. P., & Bastos, A. A. (2022). Programa de intervenção para a saúde mental em atletas e treinadores a partir do Eneagrama. *Revista Brasileira de Psicologia do Esporte*, 12(2), 45–62.

Naranjo, C. (1994). *Character and Neurosis: An Integrative View*. Nevada City, CA: Gateways/IDHHB.

Navabifar, F., *et al.* (2020). The effectiveness of Enneagram-based intervention on marital satisfaction in Iranian couples. *Journal of Family Psychology*, 34(5), 612–621.

Ouspensky, P. D. (1949). *In Search of the Miraculous: Fragments of an Unknown Teaching*. New York: Harcourt, Brace & World.

Palmer, H. (1988). *The Enneagram: Understanding Yourself and the Others in Your Life*. San Francisco: Harper & Row.

Ramos-Vera, C., Barrientos, A. S., Baños-Chaparro, J., Saldarriaga, J. V., & Saintila, J. (2022). Enneagram typologies and healthy personality to psychosocial stress: A network approach. *Frontiers in Psychology*, 13, 1051271. https://doi.org/10.3389/fpsyg.2022.1051271

Riso, D. R., & Hudson, R. (1999). *The Riso-Hudson Enneagram Type Indicator (RHETI, Version 2.5)*. New York: Enneagram Institute.

Riso, D. R., & Hudson, R. (1999). *The Wisdom of the Enneagram: The Complete Guide to Psychological and Spiritual Growth for the Nine Personality Types*. New York: Bantam Books.

Roberts, J., *et al.* (2020). Reward system hyperactivity in achievement-oriented personalities. *Journal of Neuroscience*, 40(15), 3045–3056.

Shang, J., *et al.* (2020). Neural correlates of perfectionism. *NeuroImage*, 215, 116823.

Shermer, M. (2023). The fallacy of the Enneagram personality. *Skeptic*. Disponível em: https://michaelshermer.substack.com/p/the-fallacy-of-the-enneagram-personality

Sutton, A., Allinson, C., & Williams, H. (2013). Personality type and work-related outcomes: An exploratory application of the Enneagram model. *European Management Journal*, 31(3), 234–249.

Torraco, R. J. (2005). Writing integrative literature reviews: Guidelines and examples. *Human Resource Development Review*, 4(3), 356–367.

Wagner, J. P. (2016). *The Enneagram Spectrum of Personality Styles: An Introductory Guide*. Portland, OR: Metamorphous Press.